

8 Considerações finais

Com este trabalho, busquei realizar um estudo sobre as interações entre crianças e impressos jornalísticos, em especial aqueles voltados para o público infantil. O objetivo era compreender de que forma essas crianças, que vivem em uma época tão marcada pela força incontestável da televisão, a mídia audiovisual, constituída por imagens em movimento e som, se relacionam com uma mídia impressa, estática, constituída por textos corridos, fotografias e imagens.

Silverstone (2002) afirma que não podemos escapar do assunto mídia, uma vez que ele está presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana.

“A mídia sempre foi parte crucial do processo político, em democracias, mas também tiranias, pois a disseminação e administração da informação são, por sua vez, parte crucial da administração de um Estado nacional. (...) Vivemos em um mundo plural. Compartilhamos nosso mundo com os outros. Esses outros se chamam Simpsons e Ewings, Oprah Winfrey e Dan Leno, Bill Clinton, Tony Blair e Saddam Hussein. Chamam-se bósnios e túsis. São os vizinhos na rua e também os anônimos no outro lado do globo. Vivemos com eles em sua diferença, dentro e fora da mídia.” (Silverstone, p. 268 e 269, 2002).

Estudar a mídia faz parte da ordem do dia. Não há como pensar o mundo globalizado, com fronteiras cada vez mais próximas, algumas vezes até inexistentes, sem dar grande destaque a ela. Ainda assim, de acordo com Cecília von Feilitzen (2002), Coordenadora Científica da Câmara Internacional da UNESCO para Crianças e a Violência na Tela, a questão mais abordada, quando o assunto se volta para “crianças e mídia”, é o quanto e de que forma essas mesmas crianças usam cada tipo de mídia. As pesquisas neste campo são, geralmente, conduzidas em países onde a mídia está amplamente difundida, ao mesmo tempo em que pouco se sabe sobre crianças de outras regiões e países.

“Uma conclusão que, não obstante, pode ser tirada sobre o acesso e o uso da mídia pelas crianças é que nos países e cidades onde a TV é amplamente difundida, ela constitui também o meio de comunicação mais provável de ser utilizado pelas crianças e é objeto de pesquisas. Nos países e regiões onde a TV é menos comum, principalmente em áreas distantes das cidades com televisão, o rádio é o meio de comunicação que as crianças mais utilizam.” (Feilitzen, 2002, p.21)

O que se percebe, a partir da fala de Feilitzen, é que ainda há muito que se pesquisar sobre a interação entre mídia e criança e que, a partir do momento em que televisão e rádio constituem o foco de principal interesse das pesquisas em curso, já que é sobre eles que versam a grande maioria dos estudos, seria importante nos voltarmos também para a imprensa escrita.

A pesquisa de campo, de base qualitativa, foi feita a partir de oficinas semanais realizadas durante três meses em duas escolas de realidades distintas, com crianças de idades em torno dos 11 anos. Ambas instituições, uma pública e uma particular, já desenvolviam trabalhos com uso da mídia e, por isso, foram escolhidas por mim. A partir das atividades, obtive um material extenso produzido pelos alunos, composto por desenhos, textos, publicações próprias, além de registros dos debates e apresentações dos trabalhos, gravados em áudio e vídeo. Foram priorizadas duas publicações específicas nesta pesquisa: a revista “Recreio” e o suplemento “Globinho”. A escolha das oficinas se deveu à necessidade de realizar um trabalho com princípio dialógico, a fim de dar voz às próprias crianças e compreendê-las a partir de seu próprio discurso.

O principal referencial teórico foram os estudos sobre práticas de leitura desenvolvidos por Roger Chartier, seguindo dois caminhos apontados pelo autor. Chartier compreende a leitura como apropriação, considerando o leitor como capaz de dar sentido próprio e de subverter aquilo que o texto pretende lhe impor. O historiador ainda afirma a existência de diferentes práticas de leitura, mostrando o quanto é importante investigarmos os leitores não só a partir do que lêem, mas de como lêem.

Apoiei-me, ainda, em algumas das considerações feitas por autores do campo de recepção latino-americanos, para tratar da relação imagem-texto, na apropriação dos conteúdos pelo leitor.

No universo estudado, percebeu-se que as crianças possuem um conhecimento apurado de mídia, inclusive impressa. O jornal não é bem quisto pela grande maioria, tanto pelo seu formato, quanto por seu conteúdo. Mesmo assim, elas reconhecem a importância do veículo, pela necessidade de informação e pela possibilidade de aprendizado a partir dos periódicos. Já as revistas podem ser consideradas um de seus meios de comunicação preferidos. Elas atribuem essa preferência, principalmente, ao formato da publicação. Além disso, por serem segmentadas, ou seja, pelo fato de cada revista estar voltada para um determinado

público, elas apresentam algo que as crianças não encontram nos jornais: a possibilidade de terem, em um único impresso, informações somente sobre aquilo que gostam.

Foi possível notar também, nos debates e nos trabalhos feitos pelas crianças, que seu grande interesse está direcionado a temas que consideramos do “mundo adulto”. Elas sabem e declaram, inclusive, que esses assuntos não se encontram, necessariamente, nos impressos voltados para o público infantil. Desta forma, consomem tudo aquilo que se destina a um público de faixa etária mais elevada que a sua, não apresentando dificuldades de compreensão em relação aos textos, quando se trata de mídia impressa. Tal fato foi percebido, principalmente, nas atividades finais das oficinas, quando as crianças foram convidadas a pensar em uma publicação própria, que atendesse aos seus desejos como leitores. Das pautas à diagramação, as revistas criadas por elas tinham apenas alguns poucos pontos em comum com a mídia voltada para o público infantil disponível no mercado: “passatempos”, “histórias em quadrinhos”, reportagens sobre “games”, “bichos” e “desenhos animados”. O restante se dividia em assuntos, como já dito anteriormente, normalmente encontrados em publicações para adultos, como “esportes”, “fococas”, “moda”, “comportamento”, “música”, entre outros.

Neste ponto seria interessante citar um trecho de uma entrevista concedida por Neil Gaiman, autor de romances e quadrinhos para adultos, ao jornal “O Globo”⁴¹. Quando perguntado se concordava com o rótulo de “livro infanto-juvenil”, atribuído pelo mercado editorial à sua última publicação, “Os lobos dentro das paredes”, por muitos considerado um livro para o universo adulto, Gaiman foi categórico em sua resposta: *“Eu nunca me preocupei com esse tipo de coisa. São os leitores que acham os livros e não o contrário”*. O discurso do autor se faz prática nesta pesquisa: o rótulo de infantil ou infanto-juvenil não é suficiente para que os impressos sejam lidos, de fato, por crianças. Elas buscam o que mais lhes interessar, não importando em que seção do jornal ou em que revista esteja.

Especificamente na mídia voltada para o público infantil, as crianças envolvidas nesta pesquisa afirmaram se interessar por reportagens que têm como

⁴¹ A entrevista foi publicada no caderno “Prosa e Verso”, do jornal “O Globo”, em 10/02/2006.

personagens principais outras pessoas de sua idade, especialmente crianças desempenhando o papel de repórteres.

Na realização dos trabalhos, foi possível perceber também que a internet, tanto quanto a televisão, se faz bastante presente no cotidiano dessas crianças. Grande parte dos assuntos abordados em nossas discussões envolviam, por escolha delas, temas como sítios de relacionamento e ferramentas de comunicação on-line. Além disso, elas recorreram principalmente à grande rede para sugerir reportagens no momento de confecção de suas publicações e ainda utilizaram um tipo de escrita encontrado nessa mídia eletrônica, menos aprofundado e mais curto que o encontrado em impressos.

Um último aspecto, que merece ser destacado, é que, além da televisão, da internet e da revista, é também por meio da conversa com seus pais e familiares que as crianças tomam conhecimento de notícias e, a partir de então, as dividem com seus colegas. Os fatos do cotidiano da cidade, por exemplo, principalmente aqueles que se relacionam com violência, são intensamente debatidos por elas, que se interessam não só por saber o que acontece, mas também por emitir suas opiniões.